

Considerações Finais

Segundo o que foi explicitado no início dessa dissertação, minhas maiores motivações para pesquisar sobre letramento em LM e em LE foram as diversas reportagens de jornais, revistas e portais de notícias sobre o baixo desempenho dos estudantes brasileiros em exames de avaliação de proficiências linguística, matemática e científica (Pisa, o SAEB e o ENEM). Além das reportagens supracitadas, aquelas que discorriam sobre o baixo nível de proficiência de muitos brasileiros em LE e as dificuldades de leitura que meus alunos do Ensino Médio apresentam também me motivaram a ingressar em um programa de mestrado e a chegar até aqui realizando uma pesquisa informada pelos princípios da Prática Exploratória em minha própria sala de aula.

No segundo capítulo, optei por historicizar o ensino de LE no Brasil e entender o quanto ele foi entrando em decadência ao longo dos anos, em virtude da redução da oferta de idiomas a serem ensinados, assim como da carga horária oferecida. Em algumas épocas, não houve sequer a obrigatoriedade do ensino de uma LE nem mesmo de avaliações em tal disciplina.

O discurso de muitos professores de LE, assim como os de outras disciplinas, é o de que, “para ensinar inglês, basta levar umas musiquinhas para as turmas!”. Outro discurso muito comum, partilhado tanto por alunos como por professores, é: “não sei português, quanto menos inglês”. Tais discursos, de certa forma, contribuem para a desvalorização e para a descrença no ensino de LE nas escolas.

Percebo, frequentemente, que meus alunos apresentam certa “baixa autoestima linguística”, ao afirmarem veementemente que, por serem pobres e morarem em comunidades carentes, nunca irão usar o inglês, pois nunca viajarão para outros países. Por outro lado, esses mesmos estudantes reconhecem o quanto o inglês é importante para se conseguir bons empregos, como foi possível entender a partir de suas redações, as quais foram analisadas sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. Entretanto, segundo a análise dos dados, nenhum deles mencionou a questão de se

estudar inglês para fins de inclusão social do cidadão, o que me fez inferir que, possivelmente, eles se sintam excluídos socialmente no que tange ao ensino de LE, que é um bem cultural que traz *status* aos indivíduos. E, se “inglês não se aprende na escola”, se “é só ‘embromation’”, como esses aprendizes aprenderão tal idioma se não podem arcar com os custos de um curso de inglês? Essa suposta “autoexclusão” talvez seja oriunda de tais conjecturas.

Se o aprendiz “não sabe português” e “tem certeza de que nunca viajará ao exterior”, qual a finalidade, então, de se estudar inglês? Conforme vimos nessa pesquisa, o inglês “parece ser um idioma de outro planeta” para muitos estudantes, embora esteja fortemente presente em filmes, séries e músicas as quais eles assistem e ouvem.

Minha pesquisa gerou novos *puzzles*, os quais gerariam muitas outras pesquisas de Prática Exploratória. Um deles, aquele que considero ser o mais relevante, é: como os professores das demais disciplinas (História, Geografia, Química, Matemática, etc.) veem o letramento escolar e como eles o fomentam em sala de aula? Todavia, nesse momento, meu objetivo é buscar responder à pergunta norteadora: Por quê será que meus alunos apresentam tantas dificuldades de leitura, tanto em LM como em LE?

Ressalto, pois, que a Prática Exploratória não tem por objetivo buscar soluções, mas sim entendimentos sobre as situações que se sucedem em sala de aula. Portanto, a seguir, enumerarei alguns pontos que considero serem fomentadores dessas dificuldades que meus alunos apresentam:

1- A “carnavalização” do ensino público.

Aqui, retomo a principal epígrafe dessa dissertação:

A escola pública brasileira vive num estado permanente de carnavalização, em que tudo está invertido, num verdadeiro mundo às avessas, diferente do carnaval brasileiro, por exemplo, totalmente descarnalizado pela obediência à ordem e à seriedade, a ponto de contar com o apoio oficial de órgãos do governo para que a festa se realize. O verdadeiro carnaval, no sentido de Bakhtin, está na escola, não necessariamente por opção própria, mas como única possibilidade de expressão (...). Fica a impressão de que na escola dos pobres (...), o esculacho é a única via permitida de expressão (Leffa, 2011: 26-27).

Sabemos que as autoridades competentes responsáveis pela educação no Brasil não vêm levando a sério essa questão. Ao passo que ampliaram o acesso da população ao ensino formal público, fornecendo materiais didáticos, uniformes, merenda e o Programa Bolsa-Família, os governos não se preocuparam em melhorar a qualidade do mesmo.

A principal meta passou a ser aprovar os alunos, independentemente de terem bagagem e capacidade para tal, pois o que realmente importa são as estatísticas: o número grande de aprovações traz a falsa ideia de que o ensino melhorou. Porém, quem está em sala de aula de escola pública, sabe que a realidade é completamente distinta. O cenário é de: alunos mal alfabetizados, que mal escrevem seus próprios nomes; não são capazes de, por exemplo, informar as horas em um relógio analógico; não conseguem identificar gêneros textuais e o pior de tudo: não entendem o que leem. Mesmo assim, são aprovados para as séries seguintes.

A consequência desse descaso ou, como disse Leffa, dessa “carnavalização”, é o aumento do abismo educacional entre ricos e pobres, fomentando, assim, a perpetuação das elites no poder e nos melhores cargos, o que torna cada vez mais difícil a ascensão social dos menos favorecidos através dos estudos.

2- Superlotação das salas de aula

Como realizar um trabalho sério de alfabetização e de letramento em uma sala de aula superlotada? Esse é um dos enormes desafios que os professores de escolas públicas enfrentam no Brasil. Torna-se complicado para o docente dar atenção a todos os alunos e conseguir resolver os problemas que surgem cotidianamente ao longo das aulas. Além disso, poderia mencionar também a questão dos ruídos internos e externos que interferem no bom andamento das atividades pedagógicas. Tais ruídos atrapalham a concentração dos aprendizes, afetando a aprendizagem. Considero que, no Ensino Médio, o ideal seria ter, no máximo, 20 alunos em cada turma.

3- Falta de profissionais de apoio (psicólogos, fonoaudiólogos, médicos, assistentes sociais e psicopedagogos) nas escolas.

O professor, muitas vezes, é capaz de identificar no aluno algum problema de cunho psicológico que interfira em sua aprendizagem. Algumas situações requerem, inclusive, cuidados médicos e fonoaudiológicos para que o aprendiz consiga ser bem-sucedido em seus estudos. Somam-se a isso os problemas familiares que grande parte das crianças e adolescentes carentes vivenciam em suas casas e que também repercutem nas escolas.

Caso houvesse profissionais tais como psicólogos, médicos, fonoaudiólogos, assistentes sociais e psicopedagogos nas escolas para auxiliar no trabalho docente, as relações professor-aluno e ensino-aprendizagem melhorariam consideravelmente, visto que trata-se de profissionais que verdadeiramente são capacitados para tal atividade e sabem como ajudar o aluno. Na prática, o professor precisa agir como médico, psicólogo, assistente social e, acumulando tantas funções, não consegue dar conta de lecionar os conteúdos de suas disciplinas. Com o auxílio desses profissionais, o professor poderia fazer planejamentos diferenciados para os alunos com necessidades especiais e assim, poder melhorar a qualidade de vida em sala de aula.

4- Poucas atividades que fomentem o letramento em LM desde o 1º ano do Ensino Fundamental I.

Devido ao fato de não ter estudado diversos gêneros textuais desde o período da alfabetização até o ingresso no Ensino Médio, o aluno chega a essa etapa da educação básica sem uma base sólida de letramento que o ajudaria a adquirir novos conhecimentos, inclusive, em LE. Com isso, o professor se vê obrigado a retomar os conteúdos mais básicos e simples das séries anteriores para, mais adiante, poder iniciar o conteúdo proposto para o 1º ano. Esta é uma situação muito recorrente em minha realidade docente, pois a maioria dos meus alunos, nas palavras deles, “sequer pratica a leitura de textos autênticos em sala de aula”. Portanto, ao se depararem com variados gêneros textuais nas aulas de LE, há um estranhamento, pois, para eles, “tudo é muito

novo”, já que nem mesmo em LM, o aprendiz teve esse contato. Consequentemente, se não são familiarizados com diversos textos em sua LM, ficará mais difícil lê-los com textos em LE.

O aparelho de telefone móvel, que é uma TIC e também uma ferramenta no desenvolvimento do letramento digital, poderia ser um importante aliado ao se buscar textos tais como notícias, e-mails, publicidades para serem lidos em sala de aula, dispensando, dessa forma, a xérox e a cópia dos conteúdos do quadro branco. No entanto, conforme mencionei na presente dissertação, há uma enorme rejeição ao uso desse aparelho nas escolas por parte de professores e diretores de um modo geral e não é diferente no **BM**, embora eu, de certa maneira, lute contra esse pensamento buscando usá-lo sempre que possível.

5- O Ensino de LE não é levado a sério desde o Ensino Fundamental I

Na rede municipal da cidade do Rio de Janeiro, o inglês é ensinado a partir do 1º ano do Ensino Fundamental I. Entretanto, ao longo desse segmento, não há obrigatoriedade de avaliação e a disciplina é classificada como extracurricular. Muitos professores (principalmente, os PII, regentes de turmas de primário) veem o inglês como algo “sem importância” para o aluno naquela fase escolar. Já os alunos, conforme citado nesse trabalho, encaram tal disciplina como sendo a “aula da bagunça”, o “dia de brincar”.

O cenário muda ao ingressar no Ensino Fundamental II e, posteriormente, no Médio, quando o aprendiz passa a ser avaliado formalmente, através de provas e testes. Porém, mesmo diante dessa cobrança, o que percebo em minha vivência como docente é que o estudante continua não levando a sério a aprendizagem de uma LE, já que ele cresceu entendendo que o inglês era uma disciplina “extra”, que “não reprova”. Consequentemente, ao ser avaliado tanto no contexto escolar como em exames de admissão ao Ensino Superior e em processos seletivos para empregos, esse jovem verá que a “vida real” é completamente diferente da “vida escolar”. Em outras palavras, na escola ele “brincava de estudar inglês”, mas a “vida real” exige que ele saiba tal idioma.

No ENEM e em vestibulares como o da UERJ, há questões de inglês e de espanhol¹; portanto, a cobrança pelo conhecimento de inglês no Ensino Médio é ainda maior e o estudante, em muitos casos, ainda não alcançou maturidade para passar a entender isso. Ressalto, pois, que a culpa não é do aprendiz, mas sim de toda a conjuntura escolar, incluindo governantes, professores, diretores e familiares.

6- O Ensino de LE é desconectado da realidade dos alunos

Retomarei, pois, uma situação bastante recorrente nos primeiros dias de aula de LE do 1º ano do Ensino Médio. Meus alunos costumam dizer que, ao longo de seu Ensino Fundamental II só estudaram gramática/ verbo *To Be*. Inicialmente, desconfio desse discurso, mas ao longo do convívio com eles em sala de aula, percebo que isso é uma realidade muito comum.

Boa parte dos alunos só estudam estruturas gramaticais no Ensino Fundamental II e, ao ingressarem no Ensino Médio, se deparam com um contexto de aula completamente diferente: ele passa a estudar um gênero textual a cada bimestre, lê vários textos em sala de aula e começa a questionar se as minhas aulas são, de fato, aulas de inglês, pois pra eles, estudar inglês é o mesmo que estudar gramática.

O projeto interdisciplinar que realizei com uma de minhas turmas, em parceria com um professor de Educação Física e com uma professora de Língua Portuguesa, demonstrou que houve um grande engajamento por parte dos aprendizes, ou seja, eles realmente gostaram de aprender e de produzir os gêneros publicidade e propaganda, pois conseguimos fazer com que eles percebessem que esses gêneros são parte da realidade, do cotidiano da vida deles. Portanto, posso inferir que o caminho para um bom ensino-aprendizagem de LE é conectá-lo com a realidade dos aprendizes, isto é, que os gêneros textuais possam ser ensinados como formas de vida e ações sociais. Quanto ao ensino de gramática, esse também é relevante e deve ser ensinado de forma contextualizada, e não como estruturas soltas sem quaisquer relações com os gêneros estudados.

¹ O estudante opta por um idioma ou outro, no ato da inscrição no vestibular/ENEM.

7- Os professores das demais disciplinas que compõem a grade curricular ainda não se deram conta de que também devem fomentar o letramento em suas aulas

Através de conversas com professores de outras disciplinas, venho notando que muitos deles alimentam uma crença de que somente o professor de LM é quem deve elaborar atividades que desenvolvam o letramento nos alunos. Trata-se de um pensamento contraditório, visto que esses mesmos professores constantemente queixam-se de que seus alunos não são bem-sucedidos em suas disciplinas, pois não são capazes de compreender o que leem. Portanto, por que não fomentar o letramento em História, Geografia, Filosofia, Matemática, Sociologia, Química, Física, Educação Física, Artes, etc.? O letramento deve ser um trabalho feito em conjunto por professores, diretores, responsáveis e pelos próprios alunos. Os aprendizes devem ser familiarizados, desde a mais tenra idade, aos gêneros textuais presentes em nossa sociedade. Desse modo, eles poderão exercer plenamente sua cidadania, obter bons empregos, compreender desde uma simples placa a um artigo mais elaborado.

Ao longo de quase 10 anos de magistério, vejo alunos literalmente decorando os conteúdos de disciplinas como História, Geografia, Filosofia e Sociologia apenas para serem bem sucedidos nas avaliações. Entretanto, ao serem questionados sobre o que entenderam acerca desses conteúdos, vem o silêncio: eles nada entenderam. Faltou uma base mais sólida que deveria se desenvolver desde o início da vida escolar.

A experiência de poder conhecer, ainda que em parte, a realidade de minha sala de aula, despertou em mim a vontade de continuar seguindo em frente, realizando uma tese de doutorado. Na presente pesquisa, deixo minhas contribuições nas áreas de Prática Exploratória e letramento em LM e em LE. Já em minhas futuras pesquisas, pretendo analisar os discursos de professores de outras disciplinas acerca do fomento do letramento escolar e continuar buscando entendimentos sobre o fazer docente.

